

ARTIGO

EVANGELISMO RELACIONAL EM CONTEXTO DE REFÚGIO:

um estudo de caso na vila minha pátria

RELATIONAL EVANGELISM IN A REFUGEE CONTEXT: a case study at vila minha pátria

Luciana Schneider⁴⁰

Vitor Emanuel Correa de Mesquita⁴¹

RESUMO: O deslocamento forçado de refugiados provenientes de contextos marcados por conflitos, perseguições e restrições religiosas apresenta desafios à comunicação do evangelho em ambientes interculturais. Este artigo analisa como o evangelismo relacional pode contribuir para essa comunicação em contextos de refúgio, tendo como estudo de caso a Vila Minha Pátria, projeto da Junta de Missões Nacionais no Brasil. A pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica e na experiência missionária da autora junto a refugiados. São abordados os fundamentos da missão cristã e da contextualização, o contexto dos refugiados afegãos e os desafios interculturais, além de experiências de comunicação do evangelho por meio do relacionamento, do serviço e do testemunho. Conclui-se que o evangelismo relacional favorece vínculos de confiança e possibilita uma comunicação do evangelho sensível e contextualizada.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelismo relacional; comunicação do evangelho; refugiados afegãos; contextualização; missão cristã.

ABSTRACT: The forced displacement of refugees from contexts marked by conflict, persecution, and religious restrictions presents challenges to the communication of the Gospel in intercultural settings. This article analyzes how relational evangelism can contribute to such communication in refugee contexts, using Vila Minha Pátria, a project developed by the Junta de Missões Nacionais, as a case study. The research is based on a literature review and on the author's missionary experience among refugees. The study addresses the foundations of Christian mission and contextualization, the context of Afghan refugees and intercultural challenges, as well as experiences of communicating the Gospel through relationships, service, and Christian witness. The findings indicate that relational evangelism fosters relationships of trust and enables a sensitive and contextualized communication of the Gospel.

KEYWORDS: Relational evangelism; Gospel communication; Afghan refugees; contextualization; Christian mission.

⁴⁰ Graduanda em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil – FABAT.

⁴¹ Doutorado em andamento em Ciências da Religião pela UESP (Bolsa CAPES). Pós-graduado em História do Cristianismo pela FABAT. Formado em Teologia e em Letras–Língua Portuguesa. Membro da Internacional Association for Coptic Studies (IACS –Institut für Ägyptologie und Koptologie). E-mail: prof.vitoremanuel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9051-2432>.

INTRODUÇÃO

O aumento dos fluxos migratórios e do deslocamento forçado nas últimas décadas tem produzido novos desafios para a missão cristã em diferentes partes do mundo. Entre esses grupos, os refugiados provenientes do Afeganistão passaram a ocupar posição de destaque após a retomada do poder pelo Talibã em 2021, circunstância que levou milhares de pessoas a buscarem proteção em diversos países, incluindo o Brasil.

Nesse contexto, a comunicação do evangelho em ambientes marcados por diferenças culturais, linguísticas e religiosas exige reflexão acerca das formas pelas quais a mensagem cristã pode ser anunciada de maneira fiel às Escrituras e, ao mesmo tempo, sensível às realidades culturais dos povos alcançados. A presença de refugiados oriundos de contextos majoritariamente islâmicos levanta questões relacionadas à contextualização, ao testemunho cristão e às possibilidades de diálogo em ambientes de restrição religiosa. Diante dessa realidade, o presente artigo tem como objetivo analisar de que forma o evangelismo relacional pode contribuir para a comunicação do evangelho em contextos de refúgio, tomando como estudo de caso a Vila Minha Pátria, projeto da Junta de Missões Nacionais voltado ao acolhimento de refugiados no Brasil.

A pesquisa possui caráter qualitativo e fundamenta-se em revisão bibliográfica sobre missão cristã, comunicação do evangelho e contextualização, articulada à observação participante e ao relato da experiência missionária da autora na Vila Minha Pátria, entre 2022 e 2025. Nessa perspectiva, a experiência vivida é tomada como fonte qualitativa de investigação, em diálogo com a literatura especializada, permitindo analisar percepções, memórias e práticas diretamente relacionadas ao fenômeno estudado (Creswell, 2010).

O trabalho encontra-se estruturado em três seções principais. Inicialmente, são apresentados os fundamentos bíblicos e teológicos da missão cristã, da comunicação do evangelho e da contextualização. Em seguida, analisa-se o contexto dos refugiados afegãos, abordando aspectos relacionados ao fluxo migratório, à religiosidade islâmica e aos desafios interculturais. Por fim, apresenta-se um estudo de caso construído a partir da experiência missionária da autora na Vila Minha Pátria, evidenciando como o evangelismo relacional pode contribuir para a comunicação do evangelho em contextos de refúgio.

Assim, busca-se demonstrar que a missão cristã em ambientes interculturais não se limita à transmissão verbal da mensagem, mas também se expressa por meio do relacionamento, do testemunho e do serviço, permitindo que o evangelho seja comunicado de forma sensível e significativa.

FUNDAMENTOS DA COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO

A comunicação do evangelho constitui um dos elementos centrais da missão cristã ao longo da história da igreja. Entretanto, comunicar a mensagem cristã em diferentes contextos culturais envolve desafios que ultrapassam a simples transmissão de conteúdos doutrinários, exigindo reflexão acerca da natureza da missão, da forma como o evangelho é comunicado e da relação entre fé cristã e cultura. Nesse sentido, compreender os fundamentos teológicos e antropológicos da comunicação do evangelho torna-se essencial para pensar a atuação missionária em contextos contemporâneos e transculturais.

Dessa forma, esta seção busca apresentar os principais fundamentos que sustentam a comunicação do evangelho. Inicialmente, será abordada a missão cristã a partir de sua fundamentação bíblica e teológica, evidenciando o caráter universal da ação redentora de Deus e o papel da igreja na participação da *Missio Dei*. Em seguida, será analisada a comunicação do evangelho como expressão integral da fé cristã, envolvendo não apenas proclamação verbal, mas também testemunho, relacionamentos e transformação de vida. Por fim, será discutida a contextualização como dimensão indispensável da missão cristã, refletindo sobre a relação entre evangelho e cultura, os desafios da comunicação transcultural e a necessidade de fidelidade bíblica aliada à sensibilidade cultural.

Missão Cristã

A compreensão da missão cristã não se restringe ao Novo Testamento, mas encontra suas bases já nas primeiras narrativas das Escrituras. A missão, portanto, não surge como uma iniciativa exclusivamente eclesial ou humana, mas como expressão do próprio caráter de Deus revelado progressivamente ao longo da história bíblica. Nesse sentido, o Antigo Testamento apresenta os fundamentos daquilo que posteriormente será compreendido como a missão universal de Deus para toda a humanidade. Conforme destaca Timóteo Carriker (2005), o teólogo holandês J. H. Bavinck compreende Gênesis 1.1 - “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1, NVT) - como a base da Grande Comissão apresentada nos Evangelhos. A criação dos “céus e da terra” estabelece o mundo como o palco da ação missionária divina e evidencia, na leitura apresentada por Carriker (2005), o alcance universal do interesse de Deus.

Nessa perspectiva, a missão está diretamente relacionada ao propósito da criação. Segundo Russel Shedd (2009, p. 25), Deus criou o universo de maneira intencional e, no centro desse propósito, criou o ser humano à sua imagem. Para o autor, a criação revela não apenas o poder divino, mas também o desejo de Deus de se relacionar com a humanidade. Shedd destaca que Deus

criou o homem para compartilhar comunhão, manifestar seu amor, refletir sua graça, glorificar-se por meio da humanidade e compartilhar sua santidade com o ser humano (Shedd, 2009, p. 26-27). Desta forma, destaca Timóteo Carriker (2005, p. 24-26), “nesses primeiros onze capítulos de Gênesis, as promessas (inclusive de julgamento) de Deus se destinam à humanidade toda. Aqui, Deus se relaciona com o mundo todo”. Entretanto, a partir de Gênesis 12, observa-se uma mudança na forma como Deus conduz seu propósito redentor: sem abandonar sua preocupação universal, Deus passa a agir por meio de um povo específico. Desse modo, a eleição de Abraão representa não uma limitação da missão divina, mas o início de uma estratégia pela qual todas as nações da terra seriam alcançadas.

A dimensão missionária do Antigo Testamento se torna ainda mais evidente na aliança estabelecida com Abraão. Conforme afirma John R. W. Stott (2009, p. 34), compreender a promessa feita a Abraão é indispensável para entender tanto a Bíblia quanto a missão cristã. Em Gênesis 12, a eleição de Abraão não possui caráter exclusivista, mas universal, uma vez que o propósito divino consistia em abençoar “todas as famílias da terra”. Dessa forma, a escolha de um povo não representava favoritismo étnico ou religioso, mas o meio pelo qual Deus realizaria seu plano redentor para toda a humanidade. Shedd (2009) destaca Gênesis 12.1- 3 como uma das passagens centrais para a compreensão da missão no Antigo Testamento.

O SENHOR tinha dito a Abrão: “Deixe sua terra natal, seus parentes e a família de seu pai e vá à terra que eu lhe mostrarei. Farei de você uma grande nação, o abençoarei e o tornarei famoso, e você será uma bênção para outros. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem. Por meio de você, todas as famílias da terra serão abençoadas” (Gn 12.1-3, NVT).

A promessa estabelecida com Abraão encontra seu desenvolvimento histórico na formação da nação de Israel. Conforme observa Stott (2009), o crescimento do povo durante o período no Egito e, posteriormente, a conquista da terra prometida demonstram o cumprimento progressivo da aliança divina. Assim, a trajetória de Israel não deve ser compreendida como um evento isolado na história bíblica, mas como parte do propósito missionário de Deus para alcançar todas as nações. Nesse contexto, Israel é chamado a testemunhar a glória de Deus entre os povos. Os textos proféticos reforçam continuamente essa dimensão universal da missão. Conforme destaca Carriker (2005, p. 53), os profetas anunciam um movimento no qual as nações não apenas conheceriam a Deus, mas também participariam da proclamação de sua glória. Tal perspectiva evidencia o caráter universal e contínuo da missão divina, como expresso em Isaías 66.18-21:

Eu vejo o que fazem e sei o que pensam. Por isso, reunirei todas as nações e todos os povos, e eles verão minha glória. Realizarei um sinal no meio deles. Enviarei os sobreviventes como mensageiros às nações [...] anunciarão minha glória às nações [...] (Is 66.18-21, NVT).

Dessa forma, percebe-se que o interesse de Deus pelas nações percorre toda a narrativa veterotestamentária. Embora grande parte do Antigo Testamento concentre-se na história específica de Israel, o propósito divino jamais esteve limitado a um único povo. Conforme afirma Carrier (2005, p. 53), “Israel é vista como instrumento de Deus para atingir seu alvo maior - o mundo inteiro”. Assim, o Antigo Testamento estabelece os fundamentos teológicos da missão cristã ao revelar um Deus cuja ação redentora possui alcance universal e aponta para o cumprimento de sua promessa na pessoa daquele que seria “luz para os gentios” e levaria a salvação “aos confins da terra” (Is 49.6, NVT).

No Novo Testamento, essa promessa encontra seu cumprimento na pessoa de Jesus Cristo, que não apenas anuncia a mensagem de Deus, mas também encarna essa mensagem em sua própria vida e ministério. No templo, Simeão reconhece o bebê Jesus como a “luz de revelação às nações” (Lc 2.30-32, NVT). Posteriormente, ao ler o livro do profeta Isaías na sinagoga, Jesus declara: “Hoje se cumpriram as Escrituras que vocês acabaram de ouvir” (Lc 4.16-21, NVT). Dessa forma, o Novo Testamento apresenta Jesus como o cumprimento das promessas veterotestamentárias e como a manifestação definitiva do propósito redentor de Deus para toda a humanidade. Nesse sentido, Philip Ryken (2015, p. 75-76) afirma que “em sua humanidade, Jesus fez o que Deus lhe ordenou, obedecendo perfeitamente a lei e, desta forma, completando a aliança que havíamos rompido em Adão”. Por meio de sua morte e ressurreição, Cristo tornou possível a reconciliação entre Deus e a humanidade, oferecendo salvação e vida eterna àqueles que creem. Conforme destaca Ryken (2015), por meio da obra salvadora de Jesus Cristo, Deus conduz o ser humano do pecado à graça, da alienação à reconciliação e da morte à vida eterna. Assim, a missão cristã encontra seu fundamento na obra redentora de Cristo, por meio da qual Deus restaura o relacionamento entre si e a humanidade.

A obra redentora de Cristo também inaugura a manifestação do Reino de Deus na história. Nesse sentido, Johannes Verkuyl (2009, p. 78) afirma que, “por intermédio de Jesus Cristo, Deus demonstrou aos homens sua obra graciosa e salvífica como nunca antes” e que “o Reino se tornou excepcionalmente nítido na pessoa, nas palavras e na obra do Messias”. Segundo o autor, o Novo Testamento apresenta a tensão entre o “já” do Reino inaugurado em Cristo e o “ainda não” de sua consumação final. Dessa forma, a missão cristã possui dimensão presente e futura, pois o Reino já atua na história, embora aguarde sua manifestação plena. Nesse contexto, o evangelho continua sendo anunciado “por todo o mundo, para testemunho a todas as nações” (Mt 24.14, NVT). Além de revelar o Reino de Deus, Jesus estabelece um modelo missionário marcado pelo serviço, pela entrega e pelo relacionamento com as pessoas. Nesse sentido, David J. Bosch compreende a missão

de Cristo como paradigma para a atuação da igreja no mundo, evidenciando que a missão cristã não se limita à proclamação verbal, mas envolve também presença, testemunho e participação na realidade humana (Bosch, 2002). Dessa forma, a missão assume um caráter essencialmente relacional, refletindo o modo como o próprio Cristo se relacionou com a humanidade.

Como consequência, aqueles que seguem a Cristo também são chamados a participar dessa missão por meio da evangelização e do amor ao próximo. Conforme destaca John Stott (2008, p. 29), “há duas instruções de Jesus – um grande mandamento: ‘ame seu próximo’ e uma grande comissão: ide e fazei discípulos”. Dessa forma, o anúncio do evangelho não pode ser separado da prática do amor, uma vez que o próprio Jesus ensinou que o testemunho dos seus discípulos seria reconhecido pelo modo como se relacionam uns com os outros (Jo 13.35, NVT). Assim, a missão cristã envolve tanto a proclamação da mensagem quanto a manifestação concreta do amor de Deus nas relações humanas. A centralidade de Cristo nesse chamado também é reafirmada pelo Movimento de Lausanne (1974), ao declarar que Deus deseja que todos se arrependam e recebam a salvação. Nesse sentido, proclamar Jesus como “o Salvador do mundo” significa anunciar o amor de Deus e chamar todas as pessoas ao arrependimento e à fé em Cristo. Além disso, a missão da igreja está diretamente ligada ao chamado para anunciar o evangelho a todas as nações. Antes de sua ascensão, Jesus declarou aos discípulos:

Então lhes disse: ‘Quando eu estava com vocês antes, eu lhes falei que era necessário que se cumprisse tudo que a meu respeito estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’. Então lhes abriu a mente para que entendessem as Escrituras. E disse: ‘Sim, estava escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que o arrependimento para perdão dos pecados seria anunciado em seu nome a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas dessas coisas (Lc 24.44-48, NVT).

Da mesma forma, Jesus ordena: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15, NVT). Tal envio reforça o caráter ativo da igreja na participação da missão divina, não como protagonista, mas como instrumento. Philip Ryken (2015, p. 83) afirma que “cumprimos esta comissão proclamando as boas novas a respeito da morte e da ressurreição de Jesus Cristo com o objetivo de resgatar as pessoas do pecado e trazê-las a um estado de graça”. Nesse sentido, Bosch (2002, p. 28) define *Missio Dei* como a autorrevelação de Deus como aquele que ama o mundo e se envolve com ele, permitindo que a igreja participe de sua ação redentora na história.

Nesse contexto, a missão cristã pode ser compreendida como a proclamação do evangelho com vistas à transformação de vidas e da sociedade, integrando palavra e ação, fé e prática. Como afirma Santos (s.d.), a missão envolve tanto a comunicação da mensagem quanto seu impacto na realidade cultural. Assim, a missão cristã não se limita ao discurso religioso, mas se expressa também na forma como a igreja se relaciona com o mundo e com as pessoas. Por fim, a missão cristã implica um compromisso contínuo do povo de Deus, fundamentado no exemplo de Cristo, que veio para

servir. Assim, a igreja é chamada a refletir essa mesma atitude, vivendo de forma coerente com a mensagem que proclama (cf. Fp 2.5). A partir dessa compreensão da missão cristã, torna-se necessário refletir sobre como essa missão se concretiza na prática por meio da comunicação do evangelho.

Comunicação do Evangelho

Mediante a análise anterior, a comunicação do evangelho não pode ser reduzida a um simples ato de transmissão de conteúdos doutrinários. Conforme analisa David J. Bosch, diversos modelos missionários ao longo da história estiveram associados à expansão cultural do Ocidente, resultando, muitas vezes, em práticas de evangelização marcadas pela imposição cultural e pela pouca sensibilidade às realidades dos povos alcançados (Bosch, 2002). Nesse contexto, torna-se necessário compreender a comunicação do evangelho para além de uma transmissão verbal ou doutrinária, mas como a expressão integral de uma mensagem que se encarna na vida daquele que a proclama. Assim, comunicar o evangelho envolve tanto a dimensão verbal quanto a não verbal, abrangendo comportamento, relacionamentos e atitudes que tornam visível a transformação operada por Deus na vida do cristão. A vida do cristão se torna, em si mesma, uma expressão visível da mensagem anunciada. John Stott (2008) destaca que a evangelização não acontece apenas por meio do discurso, mas também através da presença e da maneira como o cristão vive no mundo. Para o autor, a proclamação precisa estar acompanhada da presença, de modo que a mensagem do evangelho seja confirmada pela prática e a fé cristã seja percebida não apenas pelas palavras, mas também pelas atitudes e relacionamentos. Nesse sentido, a coerência entre mensagem e vida torna-se parte essencial da comunicação do evangelho. O comportamento, inclusive naquilo que não é percebido pelos outros, reflete uma vida marcada pela integridade e pelo domínio próprio, evidenciando a ação transformadora do Espírito Santo. As Escrituras também orientam os cristãos a manterem uma “conduta exemplar entre os gentios” (1Pe 2.12, NVT), demonstrando que a vivência da fé possui papel essencial na comunicação do evangelho.

Da mesma forma, os relacionamentos expressam a autenticidade dessa fé. O amor, a graça e o perdão - centrais à mensagem do evangelho - devem ser refletidos na maneira como o cristão se relaciona com o próximo. O apóstolo Paulo orienta os cristãos a serem “bondosos e compassivos uns para com os outros, perdando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo” (Ef 4.32, NVT). De igual modo, Jesus declara: “Amem-se uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros” (Jo 15.12, NVT). Dessa maneira, a prática do amor fraternal, da compaixão e do perdão mútuo não apenas confirma a mensagem proclamada, mas a torna tangível

no convívio humano. As atitudes, por sua vez, revelam a disposição interior do coração. Reagir com mansidão, paciência e submissão à vontade de Deus, mesmo em circunstâncias adversas, evidencia a formação do caráter de Cristo no indivíduo. Conforme orienta o apóstolo Paulo, os cristãos devem ter “a mesma atitude de Cristo Jesus” (Fp 2.5, NVT), refletindo o fruto do Espírito em suas ações (Gl 5.22-23, NVT). Dessa forma, a comunicação do evangelho não ocorre apenas por aquilo que se diz, mas também por aquilo que se vive diante das diversas situações da vida. Essa compreensão é aprofundada quando se considera que tal transformação não é fruto de esforço humano isolado. Conforme afirma C. S. Lewis:

Mas o cristão acredita que qualquer bem que ele possa fazer venha da vida em Cristo que está dentro dele. Ele não acha que Deus nos amará porque estamos sendo bons, mas que Deus nos tornará bons porque ele nos ama; isso pode ser comparado ao telhado de uma casa de jardim que não atrai os raios de sol porque é brilhante, mas é brilhante porque o sol irradia sobre ele (Lewis, 2017, p. 99).

Além disso, essa nova vida possui uma dimensão comunitária e formativa. Conforme destaca Philip Ryken, a transformação operada por Deus insere o indivíduo em uma comunidade de fé, na qual a vivência coletiva se torna um testemunho visível do poder redentor do evangelho (Ryken, 2015). Nesse contexto, o discipulado não se limita à transmissão de conteúdo, mas envolve a formação de uma cosmovisão cristã que alcança toda a existência, moldando mente, coração e práticas. Nessa mesma linha, o discipulado cristão envolve a instrução integral daquele que recebe o evangelho nos ensinamentos de Cristo, evidenciando que comunicar o evangelho implica conduzir o indivíduo a uma compreensão abrangente da fé, capaz de transformar não apenas suas crenças, mas também seu modo de viver.

Diante dessa necessidade de uma instrução integral capaz de reformular o modo de viver do indivíduo, torna-se indispensável relacionar o discipulado ao conceito antropológico de cultura. Conforme propõe Paul G. Hiebert, a cultura não deve ser reduzida à sua acepção popular de erudição ou comportamento das elites, mas compreendida como um sistema integrado de ideias, sentimentos e valores compartilhados que orienta aquilo que um grupo humano pensa, sente e faz (Hiebert, 1999). Essa estrutura atua de forma semelhante a “óculos coloridos”, moldando a percepção da realidade e os pressupostos existenciais dos indivíduos, muitas vezes sem que eles tenham plena consciência dessa influência. Nesse sentido, para que a mensagem bíblica promova a transformação integral mencionada anteriormente, o evangelho precisa alcançar e confrontar as diferentes dimensões da cultura. Hiebert destaca que a cultura envolve aspectos cognitivos, relacionados às crenças e formas de compreender o mundo; afetivos, ligados às emoções, preferências e formas de expressão; e avaliadores, responsáveis pelos critérios morais e pelas definições do que é considerado certo ou errado (Hiebert, 1999).

Além das crenças e valores, a cultura também se expressa por meio de símbolos, mitos e ritos que conferem significado à experiência humana coletiva. Conforme destaca Hiebert (1999), os sistemas culturais moldam a forma como os indivíduos interpretam a realidade e organizam suas práticas sociais e religiosas. Nesse contexto, os símbolos comunicam identidades, valores e pertencimento; os mitos estruturam narrativas que auxiliam um povo na compreensão de sua origem, sofrimento e propósito; enquanto os ritos materializam crenças e valores por meio de práticas repetidas socialmente. Tais elementos exercem influência direta na maneira como as pessoas compreendem mensagens religiosas e respondem a elas. Por essa razão, o processo de evangelização em contextos interculturais exige sensibilidade para compreender como o evangelho será recebido dentro dessas estruturas simbólicas já existentes. Ignorar esses aspectos pode resultar tanto em incompreensão da mensagem cristã quanto em processos superficiais de conversão, marcados pela mera adaptação externa de comportamentos sem transformação profunda da cosmovisão do indivíduo.

Nesse contexto, a comunicação do evangelho exige mais do que a simples transmissão de conteúdos religiosos, requerendo também sensibilidade em relação ao contexto cultural do interlocutor. David J. Hesselgrave destaca que a comunicação transcultural do evangelho envolve a capacidade de transmitir uma mensagem imutável de forma compreensível dentro de diferentes realidades culturais, considerando linguagem, símbolos, valores e formas de interpretação (Hesselgrave, 1995). Dessa maneira, comunicar o evangelho não significa alterar sua essência, mas buscar formas contextualizadas de apresentação da mensagem cristã, de modo que ela possa ser compreendida de maneira significativa pelo receptor. Contudo, essa comunicação não ocorre no vazio, mas sempre dentro de contextos específicos, marcados por diferentes culturas, valores e formas de compreender a realidade. Surge, então, uma questão essencial para a missão cristã: como comunicar uma mensagem que é imutável em seu conteúdo de maneira fiel, sem desconsiderar o contexto cultural do outro? É a partir dessa tensão entre fidelidade ao evangelho e sensibilidade ao contexto que se torna necessária a reflexão sobre a contextualização, tema que será abordado a seguir.

Contextualização

A contextualização constitui um dos principais desafios da missão cristã contemporânea, especialmente em contextos marcados pela diversidade cultural, religiosa e social. A necessidade de comunicar o evangelho em diferentes culturas exige reflexão sobre a relação entre a mensagem cristã, que é imutável em sua essência, e as formas pelas quais ela é apresentada aos diferentes

povos. Nesse sentido, a contextualização pode ser compreendida como a comunicação do evangelho de maneira relevante a uma cultura específica, sem comprometer o conteúdo essencial da mensagem cristã (Hiebert, 1999). A reflexão sobre contextualização parte do reconhecimento de que toda comunicação ocorre dentro de contextos históricos e culturais concretos. Conforme destaca David Bosch, a mensagem missionária da igreja sempre se encarnou na vida e na realidade das pessoas que a receberam, evidenciando que nunca existiu uma teologia totalmente supracultural ou desvinculada da história humana (Bosch, 2002). Assim, a contextualização não representa abandono da verdade bíblica, mas o reconhecimento de que o evangelho é comunicado e compreendido dentro de diferentes realidades culturais.

Nesse sentido, a contextualização deve ser compreendida como o esforço de comunicar o núcleo da mensagem cristã de maneira inteligível dentro de diferentes contextos culturais, sem modificar os elementos centrais do evangelho, como a pessoa de Cristo, sua morte e ressurreição e o chamado à fé e ao arrependimento. Conforme afirma David J. Hesselgrave, a comunicação transcultural do evangelho exige atenção aos códigos linguísticos, sociais e culturais do público ao qual a mensagem é dirigida (Hesselgrave, 1995). Nesse processo, a contextualização não envolve apenas adaptações de linguagem, mas também a compreensão de símbolos, categorias culturais, formas de pensamento e estruturas de interpretação da realidade que influenciam a maneira como a mensagem será recebida.

Além disso, a contextualização não deve ser compreendida apenas como uma estratégia pragmática de comunicação, mas como uma dinâmica presente desde a expansão do cristianismo primitivo. Conforme observa David J. Bosch, “ao traduzir a mensagem de Jesus para a língua grega, essa comunidade tornou-se o ‘buraco de agulha’ pelo qual o primeiro querigma cristão entrou no mundo greco-romano” (Bosch, 2002, p. 65). Tal afirmação evidencia que a propagação do evangelho já envolvia, desde seus primeiros séculos, processos de comunicação intercultural e adaptação linguística. Nesse contexto, a contextualização não implica alteração do núcleo da mensagem cristã, mas a comunicação do evangelho dentro de categorias culturais compreensíveis ao público receptor.⁴²

Entretanto, contextualizar não significa relativizar a mensagem cristã ou promover sincretismo religioso. Conforme argumenta Paul G. Hiebert, a contextualização deve tornar o evangelho

⁴² O próprio Novo Testamento demonstra esse movimento ao utilizar o grego koiné como língua de difusão do evangelho e ao incorporar elementos inteligíveis ao mundo helenístico. Um exemplo significativo encontra-se no discurso do apóstolo Paulo no Areópago, em Atenas. Ao dirigir-se aos filósofos gregos, Paulo afirma: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos” (At 17.22, NVT), utilizando inicialmente elementos conhecidos da cultura local como ponto de contato para sua comunicação. Em 1Co 15.33, por exemplo, Paulo afirma que “as más companhias corrompem os bons costumes” (NVT), frase atribuída ao dramaturgo grego Menandro. De modo semelhante, em Tt 1.12, o apóstolo cita Epimênides ao declarar: “Os cretenses são mentirosos, feras malignas e glútones preguiçosos” (NVT). Tais referências demonstram que Paulo utilizava categorias e expressões familiares aos seus ouvintes como recurso para comunicar o evangelho de maneira inteligível, sem abandonar o conteúdo central da mensagem cristã.

compreensível às pessoas, mas também desafiá-las a abandonarem práticas incompatíveis com os princípios do Reino de Deus (Hiebert, 1999). Nesse sentido, o autor alerta que “não podemos deixar que diferenças culturais e nacionais nos levem a um isolacionismo cristão que nos cegue para as necessidades do mundo” (Hiebert, 1999, p. 220). Tal perspectiva demonstra que a contextualização não implica afastamento cultural nem aceitação irrestrita de todas as práticas sociais e religiosas, mas um equilíbrio entre aproximação cultural e fidelidade bíblica. Assim, comunicar o evangelho em contextos interculturais exige sensibilidade para compreender o outro sem abandonar a autoridade das Escrituras como referência para a fé e a prática cristã.

Além disso, a contextualização exige distinguir entre aquilo que pertence à essência do evangelho e aquilo que corresponde às expressões culturais específicas. Conforme destaca David J. Hesselgrave, a comunicação transcultural do evangelho requer atenção às diferentes formas pelas quais cada cultura compreende e expressa a realidade, especialmente por meio da linguagem e dos símbolos culturais (Hesselgrave, 1995, p. 383-389). Assim, embora o conteúdo da fé cristã - como a santidade de Deus, a morte e ressurreição de Cristo e a salvação pela graça - permaneça imutável, as formas de expressão da fé podem variar conforme o contexto cultural, incluindo linguagem, símbolos, estilos musicais e práticas sociais. Tal distinção é necessária para evitar que tradições culturais específicas sejam confundidas com o próprio evangelho.

Nesse contexto, torna-se igualmente importante reconhecer a presença da graça comum nas diferentes culturas. Conforme observa Philip Ryken, embora todas as culturas sejam afetadas pela queda, também é possível perceber nelas sinais da bondade e da providência de Deus. O autor afirma:

Um passo adiante e também vemos a graça de Deus em ação em muitas culturas do mundo e por meio delas também. Ninguém está imune à queda, é claro, por isso a cosmovisão cristã oferece a base para demonstrar que todas as culturas a sofreram. Mas se é verdade que toda dádiva vem de Deus, então devemos aguardar para ver os sinais da sua bondade em toda tribo, língua e nação. A história de cada cultura tem relatos da providência de Deus. A arte de cada cultura reflete aspectos da ordem criada conforme percebidos por um povo específico, num lugar em particular. E o povo de cada cultura [...] testemunha a imagem de Deus na humanidade (Ryken, 2015, p. 82-83).

Entretanto, Ryken ressalta que a graça comum não substitui a necessidade da graça salvadora revelada em Cristo. Por isso, a missão da igreja envolve não apenas reconhecer aspectos positivos presentes nas culturas, mas também proclamar o evangelho e ensinar integralmente os princípios da fé cristã por meio da Grande Comissão (Mt 28.18-20). Dessa maneira, a contextualização missionária não implica relativizar a mensagem cristã, mas anunciar o evangelho de forma amorosa, respeitosa e culturalmente sensível, reconhecendo a dignidade humana e a ação providencial de Deus entre os povos. De maneira semelhante, Ronaldo Lidório destaca que mudanças culturais não significam necessariamente perda de identidade, mas fazem parte das dinâmicas sociais humanas.

Segundo o autor, “a Antropologia Missionária fundamenta-se numa perspectiva de dinâmica social e cultural, de entendimento do homem num processo de constante mudança” (Lidório, 2011, p. 41). Nesse sentido, a antropologia missionária busca compreender o ser humano em seus processos culturais e históricos, dialogando com diferentes povos de forma ética e respeitosa, sem abandonar os princípios cristãos. Além disso, Lidório argumenta que a evangelização deve ocorrer a partir dos códigos culturais do ouvinte, e não da imposição dos referenciais culturais do transmissor da mensagem. Ao diferenciar evangelização e catequese, o autor afirma que “a evangelização se dá com os códigos do ouvinte (língua materna e cultura), enquanto a catequese ocorre com os códigos de quem fala, do transmissor” (Lidório, 2011, p. 44). Dessa forma, a contextualização não consiste em modificar o conteúdo do evangelho, mas em comunicá-lo de maneira inteligível e relacional dentro da realidade cultural do receptor.

Tal perspectiva também evidencia a contribuição da antropologia para a compreensão das dinâmicas transculturais e dos processos de comunicação missionária. Conforme observa Paul G. Hiebert, o conhecimento antropológico auxilia missionários na compreensão das diferenças culturais, nos processos de tradução, na comunicação transcultural e na construção de pontes de relacionamento entre diferentes povos. Assim, a contextualização envolve não apenas proclamação verbal, mas também escuta, aprendizado cultural e sensibilidade na comunicação do evangelho. Além disso, a contextualização envolve uma dimensão comunitária e formativa. Segundo Hiebert (1999), a igreja deve atuar como uma comunidade hermenêutica, na qual missionários, líderes e novos convertidos participam conjuntamente do processo de compreensão e aplicação das Escrituras em seus próprios contextos culturais. Dessa forma, a contextualização não é tarefa individual isolada, mas processo coletivo de discernimento conduzido à luz da Palavra de Deus. Ainda, as transformações culturais e simbólicas da sociedade contemporânea tornam a contextualização ainda mais necessária. Conforme observa Chris Watkin, muitas palavras tradicionalmente utilizadas pela linguagem cristã passaram a ser reinterpretadas ou rejeitadas pela cultura contemporânea, tornando necessário um esforço cuidadoso de comunicação que considere os imaginários sociais e as formas pelas quais as pessoas compreendem a realidade (Watkin, 2024). Nesse sentido, comunicar o evangelho exige não apenas repetir fórmulas religiosas, mas compreender os medos, valores e expectativas presentes na cultura.

Essa reflexão torna-se especialmente relevante em contextos transculturais e de restrição religiosa, nos quais a comunicação do evangelho frequentemente ocorre por meio de relações interpessoais, convivência e testemunho de vida. É nesse cenário que se insere o contexto dos refugiados e das dinâmicas interculturais, tema que será abordado no próximo capítulo.

O CONTEXTO DOS REFUGIADOS ALEGÃOS E A VILA MINHA PÁTRIA

A comunicação do evangelho em contextos interculturais pressupõe a compreensão da realidade vivida pelas pessoas com as quais se estabelece relacionamento. No caso dos refugiados alegãos, isso envolve conhecer aspectos históricos, culturais, religiosos e sociais que influenciam sua forma de compreender o mundo e de se relacionar com outras pessoas. Dessa forma, esta seção apresenta inicialmente um panorama do fluxo de refugiados alegãos para o Brasil. Em seguida, são abordados aspectos da religiosidade islâmica e alguns desafios religiosos e interculturais presentes na realidade alegã. Por fim, apresenta-se a Vila Minha Pátria, espaço de acolhimento que serve como contexto para a análise desenvolvida neste trabalho.

O Fluxo de Refugiados Alegãos para o Brasil

O deslocamento da população alegã constitui um dos mais expressivos movimentos de refúgio da atualidade. Nas últimas décadas, o Afeganistão tem enfrentado sucessivos períodos de instabilidade política, conflitos armados, crises econômicas e violações de direitos humanos, fatores que contribuíram para o aumento do número de pessoas forçadas a deixar suas casas em busca de segurança. Como consequência, milhões de alegãos passaram a depender de proteção internacional, tornando o país um dos principais locais de origem de refugiados no mundo (ACNUR, 2025a). Embora a crise humanitária alegã seja resultado de um processo histórico mais amplo, ela ganhou destaque internacional em 2021, quando o Talibã retomou o controle do país após a retirada das tropas norte-americanas. A rápida queda do governo alegão e a tomada da capital Cabul provocaram insegurança e temor entre diferentes grupos da população, especialmente mulheres, jornalistas, defensores dos direitos humanos, minorias religiosas e pessoas ligadas ao antigo governo ou a organizações internacionais (Vitola; Ciceri; Moraes, 2022; Silva, [s.d.]).

A retomada do poder pelo Talibã representou um marco importante na história recente do Afeganistão. O grupo, que já havia governado o país entre 1996 e 2001, voltou a assumir o controle nacional após a retirada das forças internacionais lideradas pelos Estados Unidos. Esse retorno reacendeu preocupações relacionadas à segurança, aos direitos humanos e às liberdades civis, especialmente entre grupos considerados mais vulneráveis (Vitola; Ciceri; Moraes, 2022). A nova configuração política agravou uma situação humanitária já fragilizada. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), milhões de alegãos continuam enfrentando insegurança alimentar, dificuldades de acesso à saúde, instabilidade econômica e restrições a direitos fundamentais. Atualmente, cerca de 23,7 milhões de pessoas necessitam de

assistência humanitária no país, enquanto milhões encontram-se deslocadas internamente ou refugiadas em outras nações (ACNUR, 2025a).

Nesse contexto, milhares de afegãos passaram a buscar proteção além das fronteiras nacionais. As imagens de famílias tentando deixar Cabul em agosto de 2021 tornaram-se símbolos da crise humanitária que mobilizou governos, organismos internacionais e organizações da sociedade civil em diferentes partes do mundo. Embora o deslocamento da população afegã não tenha começado naquele ano, a retomada do poder pelo Talibã intensificou significativamente os fluxos de saída e ampliou a necessidade de proteção internacional (ACNUR, 2025a). O Brasil passou a integrar esse cenário de acolhimento ao reconhecer a situação de grave e generalizada violação de direitos humanos no Afeganistão e estabelecer mecanismos específicos de proteção humanitária para nacionais afegãos. A criação do visto humanitário facilitou a entrada dessa população no país e possibilitou que milhares de pessoas buscassem reconstruir suas vidas em território brasileiro. Segundo dados do ACNUR, mais de 11 mil afegãos chegaram ao Brasil entre 2022 e 2024, evidenciando a relevância desse fluxo migratório para a realidade brasileira contemporânea (ACNUR, 2025a; ACNUR, 2025b).

Contudo, a experiência do refúgio não se limita ao deslocamento geográfico. Ao chegarem ao Brasil, os refugiados afegãos trazem consigo valores, costumes, tradições e crenças construídos em um contexto cultural e religioso distinto daquele encontrado na sociedade brasileira. Por essa razão, compreender a realidade desses refugiados exige também a análise dos aspectos culturais e religiosos que moldam sua visão de mundo. Esses elementos são fundamentais para entender os desafios interculturais presentes no processo de acolhimento e integração, bem como para refletir sobre a comunicação do evangelho em contextos marcados pela diversidade cultural e religiosa.

Religiosidade Islâmica

O islamismo constitui um elemento central na formação cultural e social de diversos povos, incluindo grande parte dos refugiados afegãos. A palavra Islã tem origem árabe e significa "submissão", expressando a ideia de rendição à vontade de Deus (Mubarak, 2014). Essa compreensão está diretamente relacionada à crença em Allah como único Deus e à obediência aos seus mandamentos. O Islã pode ser compreendido como uma cosmovisão que orienta diferentes áreas da vida humana. Segundo Campos Neto (2020), a tradição islâmica abrange não apenas a fé, mas também normas sociais, familiares, jurídicas e comunitárias, constituindo um verdadeiro modo de vida. Nesse sentido, religião e cultura se encontram interligadas no contexto muçulmano.

A tradição islâmica tem sua origem nos ensinamentos de Muhammad (Maomé), considerado pelos muçulmanos o último profeta enviado por Deus. As revelações recebidas por Muhammad foram posteriormente reunidas no Alcorão, livro sagrado do Islã e principal referência para a fé e a prática religiosa dos muçulmanos. Como destaca Mehdi (2019), os seguidores do Islã acreditam que Muhammad foi enviado para revelar a mensagem definitiva de Deus à humanidade. Ao longo de sua história, o islamismo passou por divisões internas, sendo as principais o sunismo e o xiismo. Essa distinção surgiu após a morte de Muhammad, em razão de divergências relacionadas à sua sucessão. Os sunitas, que constituem a maioria dos muçulmanos no mundo, reconhecem os primeiros califas como sucessores legítimos do profeta, enquanto os xiitas defendem que a liderança deveria permanecer entre seus descendentes, especialmente por meio de Ali ibn Abi Talib (Campos Neto, 2020; Fries; Zuehl, 2022). Considerando que a maior parte da população afegã segue a tradição sunita, essa corrente apresenta especial relevância para a compreensão do contexto religioso dos refugiados abordados neste estudo.

Independentemente dessas distinções internas, alguns elementos são compartilhados pela grande maioria dos muçulmanos e constituem a base da prática religiosa islâmica. Entre os elementos fundamentais da fé islâmica estão os chamados Cinco Pilares do Islã: a profissão de fé (*Shahada*), as orações diárias (*Salat*), o jejum durante o Ramadã (*Sawm*), a contribuição aos necessitados (*Zakat*) e a peregrinação a Meca (*Hajj*) (Fries; Zuehl, 2022). Essas práticas demonstram que a religião ocupa papel significativo no cotidiano dos muçulmanos e influencia diretamente seus hábitos, valores e relacionamentos. Além de orientar a vida religiosa e social dos fiéis, o islamismo também apresenta interpretações próprias acerca de temas e personagens presentes nas tradições judaica e cristã.

Nesse contexto, Jesus (Isa) é reconhecido pelos muçulmanos como um importante profeta enviado por Deus. A tradição islâmica afirma que ele nasceu da virgem Maria, realizou milagres e retornará no fim dos tempos. Entretanto, diferentemente da compreensão cristã, não é reconhecido como Filho de Deus nem como Salvador da humanidade. O Alcorão declara que "o Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão somente um mensageiro de Deus" (Alcorão 4:171). Conforme observa Isabelle (2010), sua importância é amplamente reconhecida no Islã, embora não seja objeto de adoração. Da mesma forma, Thomas (2016) destaca que títulos como Messias, Palavra de Deus e Espírito de Deus são compreendidos pelos muçulmanos como referências à sua missão especial, e não à sua natureza divina. Essas diferenças de compreensão entre cristãos e muçulmanos evidenciam que a religião exerce influência significativa na construção de valores, identidades e formas de interpretar a realidade. Por essa razão, o conhecimento dos fundamentos da fé islâmica

torna-se indispensável para compreender os desafios culturais e religiosos presentes no relacionamento com refugiados provenientes de contextos majoritariamente muçulmanos.

Desafios Religiosos e Interculturais

A interação com refugiados afegãos envolve desafios que ultrapassam as barreiras linguísticas e alcançam aspectos culturais, étnicos, religiosos e sociais profundamente relacionados à construção de sua identidade. Nesse contexto, compreender a realidade afegã exige reconhecer que o Afeganistão não constitui uma sociedade culturalmente homogênea, mas um espaço marcado pela coexistência de diferentes grupos, tradições e formas de pertencimento social. Tal compreensão torna-se especialmente relevante em contextos de acolhimento e convivência intercultural, nos quais interpretações superficiais podem gerar estereótipos e dificultar a construção de relações respeitadas.

Um dos principais desafios interculturais está relacionado à diversidade étnica presente no Afeganistão. Embora seja comum referir-se aos afegãos como um único grupo cultural, o país é formado por diferentes povos, entre os quais se destacam pashtuns, tadjiques, hazaras e uzbeques. Além disso, existem inúmeras subdivisões internas, refletindo uma realidade social complexa. Conforme afirma Jawad (1992, p. 8, tradução nossa), a sociedade afegã é "uma das sociedades mais complexas entre os sistemas tribais existentes no mundo". Essa pluralidade influencia diretamente valores, costumes, formas de organização social e percepções de identidade. A própria compreensão da identidade étnica no Afeganistão demanda cautela. Schetter (2005, p. 2, tradução nossa) argumenta que "o significado da etnicidade sempre foi bastante difuso no Afeganistão", de modo que os chamados grupos étnicos nem sempre constituem a principal referência de identidade e *solidariedade* para a população. Historicamente, a construção da identidade afegã esteve relacionada não apenas à etnia, mas também a fatores como origem tribal, pertencimento religioso, posição social e vínculos regionais. Dessa forma, reduzir a população afegã a categorias rígidas pode obscurecer a complexidade das experiências vividas por seus diferentes grupos.

Essa diversidade também se manifesta na dimensão linguística. Embora o *dari* e o *pashto* sejam as línguas oficiais do país, Jawad (1992) destaca a existência de pelo menos quarenta e cinco línguas diferentes faladas no território afegão, além de inúmeros dialetos regionais. Tal realidade evidencia que a comunicação intercultural entre refugiados e sociedade anfitriã envolve desafios que vão além da simples tradução linguística, alcançando diferentes formas de compreender o mundo e de expressar valores culturais. Nesse sentido, compreender o refugiado afegão exige reconhecer que sua identidade é resultado da interação entre múltiplos elementos culturais,

religiosos e sociais, os quais influenciam diretamente sua forma de interpretar a realidade e de se relacionar com outras pessoas.

Além das diferenças étnicas e linguísticas, a religião ocupa papel central na formação da identidade afegã. O Islã representa um importante elemento de coesão social e histórica no país. Conforme observa Jawad (1992), trata-se da principal força de integração entre os diferentes grupos presentes na sociedade afegã. Entretanto, a influência da religião não se limita ao âmbito da fé individual. Em muitos contextos, valores religiosos e tradições culturais encontram-se profundamente interligados, influenciando relações familiares, papéis sociais, normas de convivência e formas de organização comunitária. Como observa Espínola (2014), o islamismo ultrapassa a esfera estritamente religiosa e exerce influência sobre diferentes dimensões da vida social, tornando-se um elemento estruturante da cultura em diversos contextos islâmicos. Outro aspecto relevante refere-se à centralidade da família e da comunidade. Enquanto sociedades ocidentais contemporâneas tendem a valorizar a autonomia individual, a cultura afegã atribui grande importância às relações coletivas e ao pertencimento familiar. Valores como honra, lealdade familiar, hospitalidade e respeito aos mais velhos ocupam posição significativa na organização social (Cultural Atlas, 2025). Nesse contexto, decisões relacionadas ao casamento, à educação, ao trabalho ou à migração frequentemente são influenciadas não apenas pelo indivíduo, mas também por sua rede familiar e comunitária. Essa característica demonstra que processos de acolhimento e integração social tendem a ser mais eficazes quando consideram não apenas a pessoa refugiada de forma isolada, mas também seus vínculos familiares e comunitários.

As questões relacionadas ao gênero também constituem um importante desafio intercultural. Entretanto, abordá-las requer cuidado para evitar generalizações. Conforme destaca Jawad (1992), a posição das mulheres afegãs varia de acordo com fatores como grupo étnico, condição socioeconômica e contexto geográfico. De forma semelhante, Souza (2021) demonstra que a experiência feminina no Afeganistão não pode ser compreendida de maneira uniforme, sendo marcada por diferentes formas de resistência, adaptação e participação social. Assim, embora estruturas patriarcais tenham influenciado historicamente diversos setores da sociedade afegã, as vivências femininas revelam uma realidade mais complexa do que frequentemente é apresentada pelos meios de comunicação ocidentais.

Diante desse cenário, torna-se evidente que o acolhimento de refugiados afegãos requer mais do que assistência material. A convivência intercultural pressupõe disposição para compreender a diversidade étnica, linguística, religiosa e social que caracteriza a população afegã. O reconhecimento dessas diferenças contribui para a construção de relações mais respeitadas, reduz

conflitos decorrentes de interpretações equivocadas e favorece processos de integração social mais eficazes. Essa necessidade torna-se ainda mais evidente em contextos de convivência diária, como o desenvolvido pela Vila Minha Pátria, onde pessoas de diferentes origens culturais compartilham experiências, desafios e processos de adaptação à sociedade brasileira.

EVANGELISMO RELACIONAL EM CONTEXTO DE REFÚGIO: EXPERIÊNCIAS NA VILA MINHA PÁTRIA

Esta seção apresenta um estudo de caso construído a partir da observação participante e do relato da experiência missionária da autora na Vila Minha Pátria, projeto da Junta de Missões Nacionais voltado ao acolhimento de refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade. O objetivo é analisar de que forma o evangelismo relacional pode contribuir para a comunicação do evangelho em contextos interculturais marcados por diferenças linguísticas, religiosas e culturais. Os dados aqui apresentados resultam da atuação da autora como missionária Radical entre janeiro de 2023 e fevereiro de 2024, permanecendo posteriormente vinculada ao projeto como missionária em formação e realizando novas experiências voluntárias no campo. Durante esse período, conviveu diariamente com aproximadamente 140 a 160 refugiados residentes na instituição, acompanhando o acolhimento de 161 famílias desde a abertura da Vila até o final de 2024, oriundas principalmente do Afeganistão, além de pessoas provenientes do Irã e da Palestina.⁴³

A Experiência Missionária e a Construção de Relacionamentos Interculturais

A experiência da autora na Vila Minha Pátria teve início em setembro de 2022, durante uma breve atuação voluntária junto aos refugiados acolhidos pela instituição. Embora de curta duração, essa vivência despertou o interesse pelo trabalho desenvolvido no local. Posteriormente, em janeiro de 2023, a autora retornou ao projeto como missionária Radical da Junta de Missões Nacionais, iniciando uma atuação integral em contexto intercultural. Antes do início das atividades, a equipe recebeu orientações relacionadas ao contexto cultural dos refugiados, incluindo aspectos ligados à vestimenta, formas de interação entre homens e mulheres, respeito às práticas religiosas e comportamentos considerados adequados naquele ambiente. Essas recomendações evidenciavam

⁴³ A Vila Minha Pátria foi inaugurada em 19 de abril de 2022, em Morungaba (SP), pela Junta de Missões Nacionais (JMN), como resposta ao aumento do fluxo de refugiados afegãos após a retomada do poder pelo Talibã, em 2021. O projeto, contudo, destina-se ao acolhimento de refugiados, apátridas e migrantes em situação de vulnerabilidade de diferentes nacionalidades, oferecendo hospedagem temporária, regularização documental, ensino de língua portuguesa, acompanhamento social e preparação para o reassentamento e integração no Brasil (Molulo, 2022; Junta de Missões Nacionais, 2024, p. 2). Localizada em Morungaba (SP), a instituição dispõe de 72 chalés e estrutura voltada ao acolhimento humanitário, com permanência média de seis a oito meses, buscando promover a autonomia e a inserção social dos acolhidos por meio do acesso à moradia, trabalho e redes de apoio comunitário.

que a missão exigia sensibilidade cultural e disposição para compreender o outro antes de comunicar qualquer mensagem.⁴⁴

Tal perspectiva se aproxima da compreensão de contextualização apresentada por Bosch (2002), segundo a qual o evangelho deve ser comunicado de forma relevante em cada realidade cultural, sem que sua essência seja modificada. Nesse sentido, contextualizar não significa adaptar o conteúdo da mensagem cristã, mas buscar formas adequadas de comunicá-la a partir da realidade daqueles que a recebem. Ao longo do período analisado, a autora desempenhou diferentes funções na estrutura da Vila Minha Pátria. Inicialmente, atuou em atividades relacionadas à cozinha, organização de doações, controle de estoque, manutenção da estrutura física e apoio logístico no transporte de acolhidos para escolas, hospitais e serviços públicos. Posteriormente, entre dezembro de 2023 e setembro de 2024, assumiu funções de liderança administrativa, participando da coordenação de setores relacionados à alimentação, transporte, compras e gestão de recursos.

Embora essas atividades não estivessem diretamente associadas à evangelização em seu sentido tradicional, elas proporcionavam oportunidades constantes para a construção de relacionamentos. Em muitos momentos, a comunicação do evangelho acontecia por meio da convivência diária, do serviço prestado e do cuidado demonstrado nas necessidades mais simples da vida cotidiana. Um episódio representativo ocorreu quando a autora levou uma doação de arroz basmati para ser utilizado em uma refeição preparada pelos próprios acolhidos. Em visitas anteriores, diversas famílias haviam relatado sentir falta desse alimento tradicional da cultura afegã. Na ocasião, os responsáveis pela cozinha prepararam o almoço utilizando o arroz recebido, mobilizando familiares e despertando grande entusiasmo entre os participantes. Ao final da refeição, os cozinheiros foram homenageados pelos demais moradores com aplausos espontâneos. Mais do que atender uma necessidade alimentar, esse gesto contribuiu para fortalecer vínculos de confiança entre a equipe missionária e os refugiados. A experiência demonstrou que o reconhecimento de elementos significativos da cultura do outro pode favorecer a aproximação e a construção de relacionamentos interculturais.

Ao longo da convivência na Vila, muitos dos vínculos mais significativos surgiram em espaços informais. O restaurante, frequentemente descrito pela equipe como o “coração” do projeto, reunia refeições, comunicados, celebrações culturais e a recepção de novas famílias. Da mesma forma, convites para compartilhar refeições ou tomar chá frequentemente se transformavam em

⁴⁴ A mudança do interior de Santa Catarina para o estado de São Paulo representou um desafio significativo. Além da adaptação a uma nova rotina e à convivência com missionários provenientes de diferentes regiões do país, foi necessário aprender a lidar diariamente com pessoas oriundas de contextos culturais, linguísticos e religiosos distintos. Dessa forma, a atuação missionária exigiu não apenas a compreensão da cultura afegã, mas também uma postura constante de aprendizado e escuta.

oportunidades para conhecer histórias, ouvir experiências e compreender melhor a realidade dos refugiados.

A convivência diária na Vila Minha Pátria demonstrou que a comunicação do evangelho em contextos interculturais frequentemente ocorre por caminhos diferentes daqueles observados em contextos eclesiais tradicionais. Em um ambiente composto majoritariamente por refugiados provenientes de países de maioria islâmica, a construção de relacionamentos revelou-se um elemento fundamental para o desenvolvimento de diálogos sobre a fé cristã. Essa realidade dialoga com a perspectiva de Hesselgrave (1995), segundo a qual a comunicação do evangelho exige sensibilidade ao contexto cultural do receptor. Na prática, isso significava compreender costumes, respeitar diferenças religiosas e desenvolver formas de comunicação capazes de gerar confiança e compreensão mútua. À medida que os relacionamentos se fortaleciam, surgiam oportunidades para conversas sobre questões espirituais. Entre os questionamentos mais frequentes estavam dúvidas relacionadas à Trindade, à pessoa de Jesus Cristo e às diferenças entre o cristianismo e o islamismo. Em diversas ocasiões, conceitos teológicos precisavam ser explicados a partir de exemplos simples e acessíveis, evidenciando que comunicar o evangelho envolvia mais do que traduzir palavras para outro idioma; exigia traduzir significados para pessoas inseridas em uma realidade cultural distinta. Nesse sentido, a experiência observada confirma a compreensão de Bosch (2002) de que a contextualização constitui parte essencial da comunicação do evangelho. A mensagem cristã permanecia a mesma, mas sua apresentação exigia sensibilidade às referências culturais e religiosas dos refugiados.

Outro aspecto importante foi o esforço de aproximação por meio da linguagem e da convivência cotidiana. O aprendizado de expressões básicas em *dari* e persa, os convites para compartilhar refeições e os tradicionais momentos de chá frequentemente criavam oportunidades para conversas sobre fé e espiritualidade. Pequenos gestos de interesse pela cultura dos acolhidos contribuíam para o fortalecimento da confiança e do respeito mútuo. Além das conversas, a comunicação do evangelho acontecia por meio de ações concretas de cuidado. O acompanhamento de gestantes em consultas médicas, o auxílio em demandas burocráticas e o apoio prestado às famílias recém-chegadas demonstravam, de forma prática, valores associados à fé cristã. Nesse contexto, o amor ao próximo deixava de ser apenas um discurso para tornar-se uma realidade visível no cotidiano.

Um episódio marcante ocorreu durante a despedida de um ex-militar afegão acolhido na instituição. Ao agradecer à equipe pelo período de convivência, afirmou que anteriormente possuía uma visão negativa dos cristãos, mas que sua percepção havia mudado após observar a maneira

como era tratado pelos missionários. Embora não represente uma experiência de conversão, o relato evidencia como o testemunho cristão pode contribuir para a desconstrução de preconceitos e para a construção de novas percepções acerca da fé. Experiências semelhantes ocorreram no trabalho desenvolvido com as crianças. Em uma ocasião, foram compartilhadas histórias bíblicas como as narrativas de Jonas e Noé utilizando uma versão das Escrituras em língua persa. A atividade despertou interesse e curiosidade entre os participantes, demonstrando como a narrativa pode constituir uma importante ferramenta de comunicação do evangelho em contextos interculturais.

Os cultos realizados na Vila também se tornaram espaços de aproximação. A participação era voluntária e contava com tradução para o persa. Em muitos casos, a curiosidade inicial dos refugiados dava origem a questionamentos que posteriormente resultavam em conversas mais profundas sobre a fé cristã. A experiência vivenciada na Vila Minha Pátria permitiu compreender que a comunicação do evangelho em contextos de refúgio não depende exclusivamente de abordagens evangelísticas diretas. Em muitos momentos, ela ocorreu por meio da convivência diária, do serviço prestado e da construção de relacionamentos intencionais. Assim, o evangelho foi comunicado não apenas por aquilo que era anunciado verbalmente, mas também por meio de atitudes que refletiam, de forma concreta, o amor ensinado por Jesus Cristo.

O caso de José: um exemplo de evangelismo relacional em contexto de refúgio

As experiências apresentadas anteriormente encontram expressão concreta na trajetória de um refugiado afegão acolhido na Vila Minha Pátria, aqui denominado José (nome fictício). Seu caso ilustra como a construção de relacionamentos pode contribuir para a comunicação do evangelho em contextos interculturais marcados por diferenças religiosas e culturais. José deixou o Afeganistão após a retomada do poder pelo Talibã, em 2021, buscando segurança para si e sua família. Após um período no Irã, recebeu visto humanitário para o Brasil e foi acolhido na Vila Minha Pátria. Segundo seu relato, ainda durante o deslocamento forçado realizou uma oração a um “Deus desconhecido” em um momento de risco envolvendo sua família, experiência que posteriormente interpretou como um marco em sua trajetória espiritual. Ao chegar à Vila, passou a conviver diariamente com missionários e voluntários cristãos. Sua aproximação com a fé cristã não ocorreu inicialmente por meio de abordagens evangelísticas diretas, mas através da observação de atitudes de cuidado, hospitalidade e serviço. Um episódio marcante ocorreu quando um missionário se dispôs a auxiliar sua filha em uma necessidade cotidiana. Ao questionar a motivação daquela atitude, recebeu como resposta que tal comportamento era resultado do amor ensinado por Jesus Cristo.

A partir dessas experiências, José passou a demonstrar interesse crescente pela fé cristã. Posteriormente recebeu uma Bíblia em língua inglesa e iniciou sua leitura de forma espontânea. Entre os textos que mais o impactaram estava João 3.16, passagem que despertou novos questionamentos e o incentivou a aprofundar seu contato com a mensagem cristã. Gradualmente, passou a participar dos cultos realizados na Vila e a dialogar com missionários sobre suas dúvidas relacionadas à fé. Esse processo, desenvolvido ao longo do tempo por meio da convivência, do testemunho cristão e do contato com as Escrituras, resultou em sua decisão de professar publicamente a fé em Jesus Cristo. Sua esposa também passou a demonstrar interesse pelo cristianismo e posteriormente tomou a mesma decisão.

Um momento significativo ocorreu durante o período da Páscoa, quando José participou de uma vigília de oração promovida pela equipe missionária. Poucos dias depois, durante uma visita realizada ao chalé onde residia com sua família, o casal compartilhou que ambos haviam decidido seguir a Jesus Cristo. Posteriormente, em julho de 2023, José e sua esposa foram batizados, tornando pública sua profissão de fé. A trajetória de José evidencia aspectos discutidos ao longo deste trabalho. Sua aproximação da fé cristã ocorreu de forma gradual, por meio de relacionamentos construídos na convivência diária, da observação do testemunho cristão e do contato com a Palavra de Deus. Nesse sentido, seu caso demonstra que o evangelismo relacional pode constituir uma importante expressão da missão cristã em contextos de refúgio, nos quais a construção de confiança frequentemente antecede conversas mais profundas sobre a fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na Vila Minha Pátria permitiu compreender que a comunicação do evangelho em contextos interculturais envolve mais do que a transmissão verbal de uma mensagem. A convivência diária com refugiados de diferentes origens evidenciou que o relacionamento, o serviço e o testemunho cristão constituem elementos importantes na aproximação entre o evangelho e aqueles que ainda não o conhecem.

As experiências relatadas nesta seção demonstram que a contextualização não implica alterar a mensagem cristã, mas comunicá-la de forma compreensível e relevante dentro de cada realidade cultural. Nesse sentido, a construção de vínculos de confiança mostrou-se fundamental para o desenvolvimento de diálogos sobre a fé e para a apresentação da pessoa de Jesus Cristo.

Além disso, a vivência missionária reforçou a compreensão de que a missão cristã não se limita a ações evangelísticas pontuais, mas também se manifesta por meio da presença intencional, do cuidado com o próximo e da disposição para servir. Assim, a experiência na Vila Minha Pátria

confirma que o evangelismo relacional pode constituir uma importante expressão da missão cristã em contextos de refúgio, contribuindo para que o evangelho seja comunicado de maneira sensível, respeitosa e significativa.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Afeganistão**. Brasília: ACNUR Brasil, 2025a. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/emergencias/afeganistao>. Acesso em: 30 maio 2026.
- ACNUR. **Proteção e assistência à população afegã no Brasil: janeiro de 2025**. Brasília: ACNUR Brasil, 2025b. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/media/protecao-e-assistencia-populacao-afega-no-brasil-janeiro-de-2025>. Acesso em: 30 maio 2026.
- ALCORÃO. Português. Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa. Tradução e notas de Helmi Nasr. Medina: Complexo do Rei Fahd para Impressão do Alcorão Nobre, [s. d.].
- BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BÍBLIA. **Português**. Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.
- CAMPOS NETO, Antonio Augusto Machado de. A origem do islã, o universo muçulmano, Alcorão e a châr'ia. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 115, p. 21–46, 2020.
- CARRIKER, Timóteo. **A visão missionária na Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CULTURAL ATLAS. **Afghan Culture**. Sydney: SBS Cultural Atlas, 2025. Disponível em: <https://culturalatlas.sbs.com.au/afghan-culture/afghan-culture-core-concepts>. Acesso em: 2 jun. 2026.
- ESPÍNOLA, Claudia Voigt. **Religião e gênero no Afeganistão contemporâneo**. [S. l.: s. n.], 2014.
- FRIES, Evelyn Karina Pereira; ZUEHL, Daniel Miotto. Islamismo: origem, conceitos e a atitude cristã frente a esta religião. **Revista Ensaios Teológicos**, Ijuí, v. 8, n. 1, p. 82–95, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n1.008>. Acesso em: 13 ago. 2026.

HESELGRAVE, David J. **A comunicação transcultural do evangelho**. Tradução de Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade cultural**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 1999.

ISBELLE, Sami Armed. A visão islâmica acerca de Jesus. **Extra**, Rio de Janeiro, 24 set. 2010. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/sami-isbelle/a-visao-islamica-acerca-de-jesus-363857.html>. Acesso em: 1 jun. 2026.

JAWAD, Nassim. **Afghanistan**: a nation of minorities. London: Minority Rights Group, 1992.

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Programa de reassentamento e de vias complementares de admissão e acolhida humanitária para nacionais do Afeganistão, apátridas e detentores de visto temporário**: plano de trabalho. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2024.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Gabriele Greggersen. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MEHDI, Irmão. **Islamismo em foco**. Porto Alegre: Chamada, 2019.

MOLULO, Fabíola. **Projeto Vila Minha Pátria. Entrevista concedida a Fábio Zamana e Michelle Gomes**. Programa Fique por Dentro. RTM Brasil, 22 jun. 2022. Podcast. Disponível em: <https://www.rtmbrasil.org.br/radio/programas/fique-por-dentro/projeto-vila-minha-p-tria>. Acesso em: 6 jun. 2026.

MOVIMENTO DE LAUSANNE. **Pacto de Lausanne. 1974**. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 24 maio 2026.

MUBARAK, Caleb. **Introdução ao islamismo**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Mundiais, 2014.

RYKEN, Philip Graham. **Cosmovisão cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

SANTOS, Jair Fernandes de Melo. **Fundamentos bíblicos da missão**. Rio de Janeiro: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, [s. d.].

SCHETTER, Conrad. **Ethnicity and the political reconstruction of Afghanistan**. Bonn: Center for Development Research, University of Bonn, 2005.

SHEDD, Russell P. **Missões: a prioridade de Deus**. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (org.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 25–31.

SILVA, Daniel Neves. **Talibã e a retomada do poder no Afeganistão**. *Brasil Escola*, [s. d.]. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/historiag/taliba-e-a-retomada-do-poder-no-afeganistao.htm>. Acesso em: 30 maio 2026.

SOUZA, Danielly Martins de. **A construção da identidade feminina afegã em A Cidade do Sol, de Khaled Hosseini**. 2021. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Tomé-Açu, 2021. Disponível em: <https://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/1768>. Acesso em: 13 ago. 2026.

STOTT, John R. W. **A missão cristã no mundo**. São Paulo: Candeia, 2008.

STOTT, John R. W. **O Deus vivo é um Deus missionário**. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (org.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 33–40.

THOMAS, Pastor. **Compartilhando sua fé com muçulmanos**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da CBB, 2016.

VERKUYL, Johannes. **A base bíblica do mandato missionário mundial**. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (org.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 69–81.

VITOLA, Mariana Real; CICERI, Isabela Marcon; MORAIS, Luiza Rodrigues. Do Talibã ao Talibã: o retorno do Emirado Islâmico do Afeganistão. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 28–54, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/124279>. Acesso em: 30 maio 2026.

WATKIN, Chris. **3 reflexões sobre o evangelismo no Ocidente contemporâneo**. Coalizão pelo Evangelho, 24 fev. 2024. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/3-reflexoes-sobre-o-evangelismo-no-ocidente-contemporaneo/>. Acesso em: 18 maio 2026.